

Outros mundos no horizonte da cidadania planetária

Cândido Grzybowski

Sociólogo, diretor do Ibase

O Fórum Social Mundial é daqueles acontecimentos que demarcam épocas. Tem um antes e um depois deles. Parecem surgir de forma inesperada, mas, como acabam sinalizando fins e começos, a gente descobre que eles tinham tudo por acontecer, a história estava madura para pari-los, por assim dizer. O Fórum Social Mundial surge como uma antítese ao capitalismo globalizado, da lei do livre mercado a serviço das grandes corporações, da lógica do terror e da guerra, do imperialismo. Busca-se globalizar humanidade, com base na solidariedade entre povos, numa lógica fundada nos direitos humanos e na paz.

O primeiro Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, foi em 2001, no contrapé do Fórum Econômico Mundial, em Davos, já velho em seus 30 anos, então. O despertar de imaginação e sonhos foi tal que, já em 2002, na segunda edição do FSM, ainda em Porto Alegre, estava claro que tínhamos fincado as bases de um poderoso movimento de opinião, capaz de arrastar a tudo e a todas as pessoas sob o slogan de que "um outro mundo é possível". Criamos fóruns de todo tipo - regionais e temáticos, fóruns locais - e a onda só fez crescer desde aí. Fizemos o FSM 2003, mais uma vez em Porto Alegre, e fomos com ousadia a Mumbai, na Índia, em 2004, dando-lhe uma cara incontestavelmente universal. A energia despertada pelo processo do FSM vai se alastrando e levantando novos desafios. Voltaremos a Porto Alegre em 2005, com a obrigação de dar novos saltos qualitativos em mobilização e capacidade de incidência política, demonstrando nossa vitalidade num quadro de clara crise da (des)ordem dominante.

Mas o que está sendo produzido por esta usina de idéias que anima o Fórum Social Mundial? O que tem de tão fundamental que possa ser tomado como um marco de um novo período, se não da história humana em geral, ao menos do tempo de uma geração? Talvez a melhor resposta seja considerar o FSM como uma criação de algo bem humano por um montão de pessoas que acreditam estar contribuindo para moldar o mundo, dar sentido e significado à sua existência e passagem pela vida. No fundo, nos permitir sonhar e assumir um papel ativo é o ato mais revolucionário do FSM, num momento em que a ideologia do pensamento único e da inviabilidade de outras alternativas parecia definitivamente imposta. O FSM é, essencialmente, um ato de liberdade, uma busca de formas de voltar a praticar a liberdade de pensar e imaginar outros mundos possíveis.

Estou aqui a apresentar uma visão, um olhar sobre o FSM. Como espaço de

liberdade, onde se cruzam e embatem uma pluralidade de visões e opções, carregadas por uma enorme diversidade de sujeitos sociais, com suas múltiplas inserções e identidades - diante da unanimidade e homogeneidade impostas pela avassaladora globalização econômico-financeira e seus fundamentalismos -, o Fórum só pode gerar respostas as mais diversas possíveis. Esta, aliás, é a sua novidade e força, base de uma nova cultura política de emancipação cidadã. Por isto, o FSM é um bloco multifacetado, prestando-se a diversas e contraditórias leituras, todas legítimas.

Sinceramente, considero o FSM um grande celeiro de alternativas. Porém, mais do que alternativas em si, importa ver o embate, o processo em que as alternativas se gestam pelo confronto e a discussão, apontando as agendas possíveis de mudança e democratização. Na verdade, o Fórum se instala com ruído alegre do acreditar na capacidade de cada um e cada uma, fazendo-nos valorizar as experiências e o saber que carregamos, de cidadania constituinte, no sentido de moldar economias e Estados, ocupando espaços existentes e abrindo novos espaços de reconhecimento aos direitos humanos, gerando um grande movimento de opinião, provocando um clima de pensar diferentemente e na possibilidade da diferença.

O FSM é apenas um fórum de encontro, um fermento transformador de seus e suas participantes, um ato de esperança. De fato, as alternativas tomam forma e se concretizam inspiradas pelo Fórum, mas adaptadas às condições e possibilidades diversas que nós mesmos desenvolvemos, num mundo rico em sua diversidade natural e humana.

Sujeitos coletivos construtores de alternativas

O FSM não pode ser dissociado da emergência política da cidadania de dimensões planetárias. Nele convergem movimentos e organizações sociais os mais diversos em termos geográficos, nacionais e culturais, afirmando a sua universalidade de detentores de direitos comuns por trás da especificidade das relações e estruturas em que se inserem e das condições em que vivem. O FSM se forja como um bloco de sujeitos coletivos portadores de diferentes identidades socioculturais e políticas, mas cimentados pela consciência comum de humanidade e cidadania.

Antes de criar alternativas, o FSM é um poderoso movimento constituinte dos construtores de alternativas para que outros mundos sejam possíveis. Não é o FSM que cria os sujeitos coletivos. Na verdade, o Fórum radicaliza o que já vinha emergindo das lutas contra a globalização dominante, seus atores, instituições e políticas. Aqui cabe lembrar, em particular, o processo de lutas contra as instituições

e políticas globais que delas emanam.

As memoráveis jornadas de Seattle, em fins de 1999, quando a rodada de negociações da OMC foi paralisada por obra de uma megacoalção de movimentos e organizações são um marco. Mas temos o conjunto de mobilizações contra o Banco Mundial e o FMI, culminando na própria constituição da rede mundial Jubileu contra a dívida externa, e as mobilizações periódicas por ocasião das reuniões do G-8. Temos, também, todo o processo de mobilização e participação ativa em torno do Ciclo de Conferências das Nações Unidas, começando pela Rio 92 e se estendendo ao longo da última década do século XX.

O FSM surge no bojo de tal processo e lhe dá novo sentido, permitindo que de fato cresça uma cidadania de dimensões planetárias. Mobilizações como a de 15 de fevereiro de 2003, quando milhões saíram às ruas das cidades de todos os cantos do planeta - em um movimento concertado contra a eminente invasão imperialista do Iraque e pela paz mundial -, não seriam possíveis sem a referência comum do Fórum Social Mundial.

O FSM alimenta e fortalece este nascer de uma nova cidadania, capaz de forjar outros mundos, pondo no seu centro a consciência comum de humanidade e dos bens comuns que temos. A confluência para o FSM dos mais diversos atores sociais, com a pluralidade de suas visões e opções, lhe dá vitalidade e torna-se a base para uma nova cultura política. Traz consigo a consciência do igual no diverso, do diferente mas de mesmos direitos, da afirmação da própria identidade na descoberta e no reconhecimento da identidade dos outros e outras, da importância e poder de cada um e uma e de todos ao mesmo tempo, sem protagonismos nem fundamentalismos de qualquer ordem. Neste sentido, o FSM é uma apropriação prática e histórica do conceito de que fazemos parte de uma mesma e comum humanidade. Reafirma, também, a nova consciência do maior bem comum que temos para compartilhar e conservar. A terra com seus recursos, a água, o solo, a atmosfera, a biodiversidade, enfim, tudo que garante a própria vida no planeta, são inseparáveis da consciência de humanidade. O não à mercantilização da vida e da humanidade demarca as fronteiras da nova cidadania planetária, capaz de construir outro mundo.

Esse processo não deixa de ser marcado por enormes contradições e desafios. Afinal, chegamos ao FSM carregados com nossas práticas políticas e visões, nossos particularismos, racismos, marxismos, fundamentalismos, tudo fruto de situações de vida e embates cotidianos no lugar do planeta que ocupamos. Somos cidadãos e cidadãs do mundo, mas temos endereço, casa, lugar, nosso canto, com nossa gente. Somos universais, mas não temos como perder nossa especificidade e profunda identificação com a cultura local e de nosso grupo. Além disto, crescemos e nos

embuímos de culturas políticas de nosso tempo e lugar. Por isso, o FSM é um radical convite a mudarmos para nos tornar cidadãos e cidadãs do mundo, para universalizarmos nossa consciência e visão, sem perder nossas referências. O desafio é de monta, pois, como bem afirmam os movimentos de mulheres na luta contra os fundamentalismos, o fundamental é a gente e gente é diversa em sua igualdade. Reconstruir-se é uma gigantesca tarefa do FSM no sentido de contribuir para forjar os sujeitos coletivos para que outros mundos sejam possíveis.

Uma tarefa central, como bem afirma Boaventura Sousa Santos, é a tradução. Precisamos nos entender, não só na técnica da língua, mas no que representa de cultura e identidade, de modos de ver e viver que, traduzidos, alimentam o universal no diverso. Trata-se de traduzir intra-atores sociais, ou seja, entre os mesmos movimentos e organizações, mas originários de situações geográficas e culturais distintas. E se trata de traduzir entre atores sociais diferentes, entre movimentos e organizações que são sujeitos coletivos distintos. Neste sentido, o FSM é um embrião de uma pedagogia cidadã de novo tipo, da tradução sociocultural e política, forjadora de uma cidadania planetária. Esta é uma enorme tarefa, em si mesma, uma alternativa para o enfrentamento do mundo homogeneizador da globalização.

Outra tarefa para a emergente cidadania que se encontra no FSM é inventar ou potencializar novas formas de prática política que valorizem a horizontalidade da participação. As redes não são uma invenção do FSM, mas ele não existe sem elas. A contribuição possível do FSM em termos de uma nova cultura política é a própria radicalização da ação política em rede. O desafio aqui é confrontar protagonismos que impregnam as nossas tradições políticas de esquerda. Não existe o ator mais ou menos importante, existe o desafio de pactuar a ação coletiva entre diversos, uns e umas dependendo de outros e outras. As redes são mais que teias, são a expressão prática de uma cidadania que abarca o mundo sem fronteiras.

Todos os direitos humanos para todos os seres humanos: princípio norteador das alternativas

O FSM inverte a ordem nos modos de pensar dominantes, tanto na ideologia que move a globalização neoliberal como nas tradições político-ideológicas da esquerda. A primazia na construção de outros mundos não está na economia ou no mercado nem no Estado e na conquista do poder político. Está na cidadania ativa. Cidadania precisa de economia e do Estado, mas é ela que os constitui. Trata-se de uma reapropriação pelos próprios sujeitos coletivos do fazer o mundo, eles e elas como titulares de direitos iguais, sem exclusões ou discriminações. O FSM é um convite a reafirmarmos a participação de todos e todas como condição de outros mundos. Outros mundos se farão se participarmos da aventura humana coletiva na

apropriação e uso democrático e sustentável dos recursos de nosso bem comum, o planeta, imprimindo responsabilmente nossas próprias marcas, segundo nossas necessidades, sonhos e desejos.

Novamente, o FSM não inventa, mas radicaliza o que já está aí como alternativa. Trata-se da democracia entendida como processo fundado num modo de fazer o mundo, de produzir as condições materiais e culturais da vida no mundo, com base na participação de todos e todas. O mundo será inclusivo se todos e todas participarem de sua construção. Compartiremos bens e serviços, respeitaremos todas as identidades e culturas, se estivermos engajados em sua produção. Respeitaremos e preservaremos o bem comum que temos, se todas e todos nos sentirmos dele dependentes para viver.

O FSM contribui para que surjam alternativas democráticas, sustentáveis e diversas, como somos e como é a terra que temos, ao erigir valores e princípios éticos comuns, fundantes da democracia como modo de vida em coletividade, como a base do modo de fazer o mundo. Significa acreditar no sonho e na utopia de um mundo sempre mais humano, de direitos e paz, sem fundamentalismos e exclusões. Mas significa, também, uma radical crítica ao modo capitalista de organização e vida em sociedade. Capitalismo este que, em sua versão globalizada, revela todo o seu caráter explorador, concentrador, destruidor e excludente. O FSM tem como desafio radicalizar a crítica ao capitalismo para ser capaz de contribuir na construção de alternativas transformadoras no sentido de gerar mundos mais humanos, justos, solidários, democráticos e sustentáveis.

O FSM traz o direito coletivo ao desenvolvimento de cada povo e de todos os povos constituintes da coletividade humana ao centro do debate de alternativas. Entendo o direito ao desenvolvimento como a criação de espaço público, de estruturas, relações e processos econômicos, políticos e culturais, de leis e instituições, de projetos e políticas públicas favoráveis à produção de bens e serviços, por órgãos públicos e agentes privados que garantam o pleno gozo da totalidade de direitos humanos, civis e políticos, econômicos, sociais e culturais, por todos cidadãos e cidadãs que formam um povo, segundo suas necessidades e desejos, a partir de seus locais de vida e suas culturas. Por isto, o direito coletivo ao desenvolvimento, fundado na participação ativa, molda soluções alternativas de fazer o mundo, democráticas, sustentáveis e diversas, respeitadoras da igualdade e justiça social.

Os modelos de desenvolvimento adequados ao que somos como humanidade constituem o ponto de convergência e, ao mesmo tempo, de divergência que dão vida aos debates dentro do processo do FSM. Os modelos e as soluções necessariamente serão diversos, desde que respeitados os princípios de uma

democracia substantiva solidária e sustentável na apropriação e uso do bem comum. Os debates nos levam a trazer o debate para o local, para onde a cidadania ativa de fato conta. Mas não podemos deixar de pensar na ordem internacional favorável que, como garantia subsidiária, pode ser favorável à prática local do direito ao desenvolvimento de cada povo e cada grupo humano do planeta.

O direito ao desenvolvimento é afirmação do direito à ciência, à tecnologia, ao saber, com sistemas e redes de comunicação que socializam informação sem dominar. Direito ao desenvolvimento é direito à soberania e segurança alimentar e nutricional de cada povo, como acesso democrático e sustentável ao patrimônio coletivo natural. O direito à própria identidade e cultura é condição do exercício do direito ao desenvolvimento. Tudo isto constitui o substratum do amálgama de sujeitos coletivos que se confrontam, debatem, convergem e divergem no processo e no espaço do FSM, respeitando-se e se fortalecendo como construtores de outros mundos, como alternativa à destruidora e excludente homogeneização da globalização econômico-financeira e do imperialismo guerreiro que ainda temos.

Pensar para a ação transformadora, desafio metodológico do FSM

Muitas pessoas esperam e querem que o FSM seja o que seria sua própria morte: uma organização definidora de um projeto e da estratégia a seguir por todos e todas. Como Fórum, só pode ser um espaço do pensar estratégico, do pensar para a ação, mas deixando a cada um de seus sujeitos a decisão sobre o que fazer, como e com quem, segundo suas possibilidades, condições e desejos. Na verdade, a prática de um método participativo do pensar para a ação, respeitando a diversidade e dela se alimentando, é o desafio central no processo do FSM. Enquanto souber renovar-se para a prática da liberdade do pensar a ação transformadora, o FSM vai continuar a crescer como onda e ser fonte de alternativas à globalização capitalista que nos domina e que gera guerra, concentração e exclusões pelo mundo.

Como conclusão desta minha reflexão, ela mesma um ato de livre-pensar segundo o espírito do FSM, gostaria de chamar a atenção para a questão metodológica como a questão política central que temos ao pensar em alternativas e em outros mundos. Temos muitos déficits em nossa cultura política, no seio da sociedade civil, déficits que precisamos conscientemente identificar para superá-los. O FSM pode se constituir em grande espaço de inovação dos diálogos intra e entre sujeitos coletivos, desenvolvendo métodos que nos levem a verdadeiramente pensar e agir como cidadãos e cidadãs do mundo. Mas para isto precisamos ser capazes de mobilizar para além de barreiras geográficas - as diferentes regiões do mundo e seus países - e de barreiras sociais e culturais - os invisíveis no interior de nossos povos, porque não organizados ou sem recursos para participar. Temos que

reconhecer o quanto ainda estamos longe de expressar a diversidade da sociedade civil mundial e de seus atores. Precisamos, decididamente, ser capazes de inventar métodos inclusivos que nos permitam ir além das elites das organizações e estabelecer diálogos tradutores de baixo para cima e de cima para baixo, entre nós mesmos, reconhecendo que a desigualdade nos determina no que somos.

Para o FSM 2005, em Porto Alegre, estamos tentando gestar um método que nos permita praticar a democracia interna desde a construção de nossa grade temática, do que discutir, até o conjunto de atividades, do como discutir, e do programa, nosso programa coletivo de pensar para a ação. Estamos realizando ampla consulta a todos e todas, para que digam o FSM que querem e que idéias e experiências, projetos e resultados pretendem apresentar. A apropriação coletiva e democrática do ato de planejar o processo e o evento do Fórum Social Mundial é, em si mesmo, um modo alternativo de começar a pensar outros mundos possíveis. A radicalidade não está só nos resultados que apresentarmos, mas, sobretudo e antes, no modo a que chegamos a eles.

Esta é a mensagem mais simples e, talvez, a mais inovadora do FSM. Mas precisamos praticar a solidariedade entre nós mesmos. A decisão de criar um grande fundo de solidariedade para uns e umas apoiarem aqueles e aquelas, entre nós, com menos recursos, tomando isto como uma responsabilidade coletiva, vai no mesmo sentido. Queremos praticar o que defendemos. Por isto, o FSM tem o poder de carregar baterias, nos dar energia para ousar e começar aqui e agora a construir outros mundos. E o que é muito importante, fazemos tudo isto com muita alegria e gosto de viver.

Candido Gryzbowski is a philosopher and sociologist. He has doctorate degree at the University of Paris I (Panthéon-Sorbonne) and post-doctoral studies at the University College London. He is Director of the Brazilian Institute of Social and Economic Analyses (IBASE) in Rio de Janeiro since 1990, member of the organizing committee of the World Social Forum (2001-2003) and member WSF International Secretariat. Former Professor of sociology of Development at the Fundação Getúlio Vargas, in Rio de Janeiro (1989-1991). Ibase was in the center of some public campaigns in Brazil: Land Reform Campaigns (1984-1992), Ethics on Politics (1992-93), Citizens Action against Hunger, Misery and for life - Hunger Campaign (1993-96), Corporate Social Responsibility (1997). The main areas of Ibase's work today are: food security, solidarity economy, democratic alternatives for Globalization, Civil society participation, public policies, social watch, democratization of big cities, ethics and social

responsibility of organizations. Mr. Grzybowski has published books and articles on social movements, civil society, democracy and globalization.